

## CRÔNICA

Beto Seabra • Betoseabra2010@gmail.com



# Um celeiro musical em busca de bocas para ouvir

**B**rasília é um celeiro musical cercado de milhares de bocas famintas, onde faltam cozinhas para dar vazão à quantidade enorme de alimento espiritual que se produz aqui. A imagem pode não ser boa, mas ela explica em linguagem simples o que quero dizer.

A cidade que tem o Clube do Choro no qual Paul McCartney tocou é a mesma onde uma operação do governo proíbe que uma roda de chorinho no Eixão seja apreciada, de graça, por centenas de famílias famintas de cultura, numa manhã ensolarada de domingo. Muitos daqueles músicos que encontraram no Eixão do Lazer o ganha pão para sobreviver, são os mesmos que tocavam nos bares fechados pela Lei do Silêncio. O que fazer?

Além da Escola de Choro Raphael Rabello, localizada dentro do Clube do Choro, temos também em Brasília o Departamento de Música da Universidade de Brasília e a Escola de Música, essas duas

públicas e gratuitas. Sem contar as dezenas de escolas particulares que formam músicos e musicistas de todo tipo. Poucos lugares possuem uma única escola de música de alto nível, enquanto Brasília possui, pelo menos, três!

E quando eu digo que temos uma plateia faminta a ser alimentada por esses músicos, não estou exagerando. Ao longo dos meses de junho e julho o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) promoveu o Super Jazz Festival, praticamente só com instrumentistas e cantores da cidade.

O festival recebeu uma média de 1.200 pessoas por evento, chegando ao ápice de ter 2.200 ouvintes numa só quarta-feira para ouvir...

jazz! O sucesso foi tão grande que o evento irá se repetir em setembro, a partir do dia 11, novamente sempre às quartas-feiras.

O maestro Rênio Quintas, que acompanha a cena musical da cidade há décadas, nos lembra de que nos anos 1990 o Distrito Federal chegou a ter cerca de 40 palcos para os músicos da cidade e hoje não tem nem cinco. O resultado é que muitos músicos decidiram deixar Brasília e se aventurar em outras cidades mais

acolhedoras, como Rio, São Paulo ou Belo Horizonte.

Novamente vem a pergunta: o que fazer? Os quase 15 quilômetros do Eixão do Lazer podem ser um espaço acolhedor para os músicos da cidade, desde que se estabeleçam algumas normas de uso para o local. Mas, para que isso aconteça, é preciso vontade política. É preciso que governo, artistas e comunidade dialoguem para encontrar um termo que seja bom para todos, mesmo que não seja ótimo

para alguns.

Quando eu era garoto vi nascer em Brasília o Projeto Cabeças e o Panelão da Arte, entre outras iniciativas culturais que surgiram no rastro da abertura política do final dos anos 1970.

Passados mais de 40 anos, talvez a cidade necessite de outra abertura, desta vez que encerre uma visão autoritária de que a capital da República não pode ser também a capital do rock, do choro, do jazz, do samba, e de outros ritmos.

